

Dr. Al Fuhr, Eclesiastes, Sessão 5

© 2024 Al Fuhr e Ted Hildebrandt

Uma das questões pelas quais Eclesiastes é mais conhecido é a preocupação de Kohelet com a morte. E esse tema da inevitabilidade da morte que encontramos no livro de Eclesiastes realmente tende a pintar um quadro bastante terrível no livro.

Descobrimos que esse motivo surge repetidas vezes. E como mencionei, parece que Kohelet está preocupado com a morte e com a inevitabilidade da morte. E parece haver muito pouca esperança na perspectiva horizontal pela qual ele está empreendendo esta jornada para encontrar uma solução para o dilema da condição de queda da vida.

E desde o início, quando a humanidade caiu em Gênesis capítulo 3, descobrimos que a morte é de fato a penalidade por essa queda. E assim, torna-se algo que permeia toda a existência da humanidade. Em outras palavras, sabemos que desde o momento em que nascemos estamos num caminho, numa trajetória em direção ao túmulo.

E enquanto Kohelet se debruça sobre a natureza fugaz da existência transitória da vida, movendo-se em direção à sepultura, ele não consegue superar o fato de que, quer alguém seja sábio, quer seja rico, quer seja um tolo, quer alguém tente o destino ou não, toda a humanidade está indo na mesma direção, a vala comum. Agora, no Antigo Testamento, a teologia da morte e da vida após a morte é bastante ambígua. Os santos do Antigo Testamento parecem saber muito pouco sobre a existência do homem após a morte.

Mas em todo o Antigo Testamento encontramos referências à morte como um tipo de coisa a ser temida, algo que certamente não devemos esperar. A sabedoria tem a intenção de tentar protelar e adiar o momento da morte para prolongar os anos de vida. E assim, no Antigo Testamento, encontramos vislumbres de uma teologia da morte e talvez até da vida após a morte.

Mas este tipo de coisas não é totalmente revelado até chegarmos ao Novo Testamento, especialmente no que se refere a uma existência escatológica para o indivíduo, para a humanidade após a morte. Agora, no Livro de Eclesiastes, você encontra a palavra para a sepultura ou para o reino da vida após a morte no Antigo Testamento, sheol, algumas vezes. A palavra sheol é encontrada cerca de 65 vezes no Antigo Testamento.

No Livro de Eclesiastes, o lugar onde sempre penso na palavra sheol sendo encontrada é no 6º do 7º em Joy Life Refrains em Eclesiastes, capítulo 9. Em Eclesiastes, capítulo 9, o versículo 7 diz: Vai, come com alegria e bebe. seu vinho com

o coração alegre, pois é agora que Deus favorece o que você faz. Ou seja, Kohelet tem muita consciência de que o presente é o momento da vida porque todos caminhamos para aquele lugar, o túmulo, onde não há capacidade de poder fazer as coisas que no presente somos capazes. de ser capaz de empreender e realizar. Esteja sempre vestido de branco e unte sempre a cabeça com óleo.

Aproveite a vida com sua esposa, a quem você ama, todos os dias deste inferno. Eu sugeriria que, neste contexto, o fugaz provavelmente está sendo destacado, mas as outras famílias de significado por trás da dimensão não parecem estar muito distantes aqui. Toda essa vida de inferno que Deus lhe deu debaixo do sol, todos os seus dias de inferno.

Pois esta é a sua sorte na vida e no seu trabalho árduo e no seu amor sob o sol. O que quer que sua mão encontre para fazer, faça-o com todas as suas forças. Pois no Sheol a NVI traduz isso, pois no túmulo, para onde você vai, não há trabalho, nem planejamento, nem conhecimento, nem sabedoria.

A sabedoria pode ser praticada aqui e agora, mas na vida após a morte não há capacidade para praticar tal sabedoria. Portanto, a sabedoria hoje deve ser implementada para dar vantagem nesta vida. A sabedoria não é capaz de resolver o dilema do inferno e a inevitabilidade da morte que o acompanha.

Agora, no Antigo Testamento, a palavra hebraica Sheol é normalmente traduzida como sepultura, mas parece apontar para algo ainda mais do que simplesmente dois metros abaixo do solo. Sheol parece referir-se a um lugar sombrio, é um lugar a ser evitado. Eu sugeriria que não se refere necessariamente ao inferno, já que a KJV cerca de 30 vezes traduz a palavra Sheol no Antigo Testamento.

Eu sugeriria que não é necessariamente um lugar de penalidade e julgamento ativos, mas parece ser um lugar a ser evitado no Antigo Testamento. E certamente, no livro de Eclesiastes a morte não é algo que seja aplaudido ou celebrado. Não é a ideia de que os santos de Deus seriam celebrados na sua volta para casa, como muitas vezes gostaríamos de pensar num funeral.

A morte é algo que faz parte do julgamento de Deus sobre este mundo caído e esta existência caída que todos nós experimentamos. É natural, mas mesmo assim é algo a ser adiado, se possível. Assim, a sabedoria procura evitar a morte prematura e prolongar os anos de vida.

Mas o problema para Kohelet é que mesmo quando um homem sábio faz tudo o que a sabedoria sugere fazer e o faz em tempo hábil, ele não tem capacidade de controlar, em última instância, o dia de sua morte. E mesmo que ele fosse capaz de fazer isso, não é como se ele, através de sua sabedoria, pudesse eliminar aquilo que

eventualmente irá ocorrer. Em outras palavras, parece não haver linguagem de ressurreição no livro de Eclesiastes na perspectiva horizontal sob o sol.

Kohelet observa que o homem sábio, o rei, os ricos, os bilionários de sua época, estão todos indo para o mesmo lugar que os animais, do pó ao pó. E assim, isso causa muita angústia ao nosso sábio Kohelet, porque ele percebe que, através da aplicação da sabedoria, não é capaz de resolver a inevitabilidade da morte. Ele pode até não ser capaz de evitar o momento da morte.

A morte é algo que acontece a todos os indivíduos, independentemente da capacidade ou da posição na vida. E assim, o estatuto e as conquistas da vida parecem não ter qualquer influência na morte inevitável que irá ocorrer. Em alguns versículos que refletem esse tipo de pensamento em Eclesiastes, capítulo 2 e versículo 14, o sábio tem olhos na cabeça enquanto o tolo anda nas trevas.

Mas percebi que o mesmo destino se abate sobre ambos. Então pensei em meu coração que o destino do tolo também me alcançaria. Então o que ganho sendo sábio? Parece que Kohelet percebe que, com a inevitabilidade da morte iminente, não há nenhuma conquista final que a sabedoria possa trazer para a mesa.

Eu disse em meu coração que isso também é pesado. Pois o homem sábio como o tolo não será lembrado por muito tempo, nenhum legado duradouro. Nos próximos dias, ambos serão esquecidos.

Assim como o tolo, o sábio também deve morrer. Toda a humanidade está seguindo a mesma trajetória em direção ao túmulo. No capítulo 3 e nos versículos 19 a 22, Kohelet reflete praticamente a mesma coisa.

Ele afirma que o destino do homem é semelhante ao dos animais. O mesmo destino aguarda os dois. Ora, isto não sugere que, no pensamento e na teologia de Kohelet, ele esteja de alguma forma equivocado ao pensar que não existe existência ou consciência post-mortem.

Novamente, pense em termos do contexto teológico do livro de Eclesiastes. Ele está observando as coisas de uma perspectiva sob o sol. Ele não está necessariamente proclamando, assim diz o Senhor, num sentido revelador.

Além disso, no momento de Kohelet na história da revelação de Deus, não estamos lidando com a revelação completa da verdade à humanidade através das escrituras. E assim Kohelet não está necessariamente a par de tudo o que podemos ter ao ler o Novo Testamento. Na verdade, eu sugeriria a você, e falaremos disso mais tarde, que Kohelet vá adiante no que diz respeito a uma teologia da morte na vida após a morte.

Parece haver mais indícios no livro de Eclesiastes quanto à expectativa de algum tipo de julgamento após a morte do que em qualquer lugar que eu possa imaginar no Antigo Testamento. Embora o livro de Eclesiastes não avance sugerindo que haverá uma existência de ressurreição ou novos céus e uma nova terra ou a existência do céu versus inferno ou algo parecido, é interessante que o livro de Eclesiastes pareça ir além da existência presente como um tempo de julgamento e ajuste de contas. E isso é algo digno de nota.

Em todo caso, voltando ao texto do capítulo 3, o destino do Homem é como o dos animais, ou seja, do pó ao pó. Nesse sentido, eles são iguais. O mesmo destino aguarda os dois.

Assim como um morre, o outro morre. Então, mesmo algo tão estúpido como um animal que não consegue aplicar a sabedoria à vida, estamos todos indo para o mesmo lugar, é o que ele quer dizer. Todos têm o mesmo fôlego.

O homem não tem vantagem nesse sentido sobre os animais. Tudo está horrível. Todos vão para o mesmo lugar, todos vêm do pó, e ao pó todos voltam.

No capítulo 5, versículo 10, Kohelet afirma: Quem ama o dinheiro nunca terá dinheiro suficiente. Quem ama a riqueza nunca fica satisfeito com sua renda. Quão verdade é isso? Isso também é hevel.

A ganância e os excessos de ganhar algum tipo de tesouro em um mundo onde, em última análise, todas as coisas são passageiras e você não pode levar nada com você, isso é considerado um inferno. À medida que os bens aumentam, também aumentam aqueles que os consomem. Quão verdade é isso? E que benefício eles trazem para o proprietário, exceto deleitar os olhos com eles? Kohelet insiste no absurdo de simplesmente acumular coisas para observá-las.

Isso me faz pensar em um de meus parentes. Na velhice, ele costumava consultar seus extratos bancários. Para ele, era uma sensação de segurança.

Mas mesmo como seus filhos diriam a ele, você sabe, papai, você não viverá para sempre. Você deveria gastar alguns desses recursos. E ele simplesmente se alegrava ao ver seus extratos bancários todos os meses quando eles chegavam.

E ele estava acumulando todas essas coisas para quê? Por nada. Ele não podia levar nada com ele. O sono do trabalhador é doce, quer coma pouco, quer muito, mas a abundância do rico não lhe permite dormir.

Já vi um mal grave, portanto é um julgamento negativo sob o sol, uma riqueza acumulada para prejuízo de seu dono ou uma riqueza perdida devido a algum

infortúnio. Acho que Kohelet diria que essas coisas são complicadas. Para que quando ele tiver um filho não reste nada para ele.

Portanto, mesmo que ele não consiga deixar um legado duradouro, ele não pode nem mesmo dar uma herança. Nu, um homem sai do ventre de sua mãe, nos faz pensar em Jó, e como ele vem, ele vai embora. Ele não tira nada de seu trabalho que possa carregar nas mãos.

Essencialmente, Kohelet está dizendo, um homem sábio, um homem rico, alguém que acumula e acumula grandes tesouros, alguém que realiza grandes coisas, em última análise, não pode levar nada disso consigo para o túmulo. No capítulo 9 e versículo 2, Kohelet continua esta linha de pensamento, todos compartilham um destino comum. Os justos e os ímpios, os bons e os maus, os limpos e os impuros, aqueles que oferecem sacrifícios e aqueles que não o fazem.

Assim como acontece com o homem bom, o mesmo acontece com o pecador. Assim como acontece com aqueles que fazem juramentos, o mesmo acontece com aqueles que têm medo de fazê-los. Este é o mal de tudo o que acontece sob o sol.

Novamente, grande angústia com essas observações. O mesmo destino ultrapassa todos. Isto é a morte, a vala comum.

Além disso, os corações dos homens estão cheios de maldade e haverá loucura em seus corações enquanto viverem. Eles se esforçam, estão ansiosos para conseguir algo que, em última análise, não podem levar consigo para o túmulo e, depois, juntam-se aos mortos. Qualquer pessoa que esteja entre os vivos tem esperança.

Kohelet definitivamente tem uma teologia das possibilidades presentes e a sabedoria de se aplicar ao presente. Ainda temos esperança enquanto vivemos. Até um cachorro vivo está em melhor situação do que um leão morto.

Novamente, Kohelet não está comentando aqui sobre as recompensas que alguém poderia esperar do raio da semente do julgamento de 2 Coríntios capítulo 5 e versículo 12. Novamente, isso não está dentro do alcance de seu pensamento. Ele está pensando sob a perspectiva do sol, não de uma maneira de pensar desviada ou de alguma forma anti-Deus.

É simplesmente uma perspectiva limitada que o homem sábio aplica às suas observações neste mundo. Pois os vivos sabem que morrerão, mas os mortos não sabem nada. Eles não têm recompensa futura e até mesmo a memória deles é esquecida.

Novamente, só para deixar as coisas bem claras, não creio que o Eclesiastes aqui ou Kohelet, nosso sábio, estejam sugerindo aqui alguma forma de aniquilacionismo após

a morte. Eu sei que as Testemunhas de Jeová, por exemplo, muitas vezes revisam textos do capítulo 3 de Eclesiastes e do capítulo 9 e versículo 5 de Eclesiastes aqui, sugerindo que o livro de Eclesiastes está ensinando o aniquilacionismo. Lembro-me de uma vez ter conversado com um representante da Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados com as Testemunhas de Jeová.

Eu levei um grupo de estudantes para um evento específico que o Salão do Reino estava organizando apenas para que pudessem observar o que as Testemunhas de Jeová fazem naquela área específica. Tive a oportunidade de conversar com um representante da Torre de Vigia de Brooklyn, Nova Iorque. Ele era um dos chefes, por assim dizer, da Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados.

Lembro-me de termos conversado sobre Eclesiastes e algumas dessas declarações sobre a morte. Quando perguntei a este senhor sobre o que o resto de Eclesiastes tinha a ensinar e sobre a perspectiva de Kohelet em sua linha de argumento aqui e sua perspectiva limitada, e não novamente uma perspectiva apóstata, este cavalheiro realmente não sabia nada sobre o que o livro de Eclesiastes estava dizendo ou o que era o ensino ou a perspectiva através da qual Kohelet observava essas coisas, as lentes através das quais ele observava essas coisas, ou sua jornada, sua busca para encontrar Yitron em um mundo Hebel. Ele estava simplesmente olhando para essas coisas como provas de que não haveria nenhum tipo de existência consciente após a vida.

Novamente, não creio que seja isso que Eclesiastes está dizendo aqui. Ele está simplesmente dizendo que, ao observar as coisas sob o sol, vejo que é bom estar vivo, não é bom estar na sepultura e que a sabedoria não pode levar nada com você. Na verdade, a sabedoria não consegue nem mesmo evitar a inevitabilidade da morte.

Assim como o cachorro vai morrer, você também vai morrer. Não há nada mais do que a linha de pensamento de Kohelet aqui. Agora, para além desta ideia de que todos morrem independentemente da capacidade de alguém, independentemente do seu estatuto na vida, a segunda ideia que encontramos refletida nestas reflexões sobre a inevitabilidade da morte é que o momento da morte de alguém é, em última análise, determinado por Deus.

Mais uma vez, o homem sábio não pode fazer um plano e, na verdade, levá-lo a bom termo, cronometrando a própria morte, obviamente num período mais lucrativo e benéfico. Dando uma olhada em uma pesquisa de versículos que parecem sugerir isso, em Eclesiastes capítulo 3 e versículo 2, se há algum ponto no poema no tempo em que parece que o determinismo de Deus está em vista, provavelmente seria no emparelhamento binário entre a hora de nascer e a hora de morrer. Você também encontra no capítulo 7 e nos versículos 14 a 18 que a ideia de que o homem não é capaz de controlar o momento de sua morte está na frente e no centro.

Quando os tempos forem bons, seja feliz, mas quando os tempos forem ruins, considere. Deus fez tanto um quanto o outro, portanto o homem não pode descobrir nada sobre o seu futuro. E mais tarde, a advertência para não agir como um tolo, para não ser excessivamente perverso, desafiando o destino.

Em outras palavras, Deus irá levá-lo a julgamento em algum momento. Por que morrer antes do seu tempo? Deus pode extinguir você pelos pecados que você comete. Você tem no capítulo 8, versículo 7, uma declaração muito clara sobre a incapacidade do homem de efetivamente ditar o momento de sua própria morte.

Diz no versículo 7: Visto que ninguém conhece o futuro, quem lhe poderá dizer o que está por vir? Nenhum homem tem poder sobre o vento para contê-lo, portanto ninguém tem poder sobre o dia da sua morte. Uma afirmação muito clara sobre a incapacidade do homem e até mesmo a incapacidade da sabedoria de ditar o momento da própria morte. No capítulo 8, versículos 12 e 13, encontramos o mesmo tipo de coisa.

Embora o homem perverso cometa cem vezes, ainda vive uma vida longa. Eu sei que será melhor para um homem temente a Deus e reverente diante de Deus. No entanto, porque os ímpios não temem a Deus, as coisas não lhes irão bem e os seus dias não se prolongarão novamente como uma sombra.

Há alguma confiança sendo declarada ali, mas em última análise é Deus quem está no controle de aplicar o julgamento. E então, no capítulo 9 e nos versículos 11 e 12, vi algo mais debaixo do sol. A corrida não é para os rápidos, nem a batalha para os fortes, nem a comida chega aos sábios, nem a riqueza chega aos brilhantes, nem o favor aos eruditos, mas o tempo e o acaso acontecem a todos eles.

Novamente, em última análise, é a soberania de Deus que dita o momento da morte. Além disso, ninguém sabe quando chegará a sua hora, o que implica o dia da sua morte. Assim como os peixes são apanhados numa rede cruel e os pássaros são apanhados numa armadilha, assim os homens são apanhados por tempos difíceis que caem inesperadamente sobre eles.

Você pode acordar uma manhã e planejar sua rotina. Você pode ter ótimos planos até mesmo para um determinado dia ou período de sua vida, mas o resultado dessas coisas certamente não é garantido. Não importa quão sabiamente você possa planejar, e não importa quantas maneiras você possa planejar para contingências, Deus no final das contas tem uma vantagem contra você.

É ele quem pode determinar o dia da sua morte. E assim, encontramos nestas reflexões a incapacidade do homem e a soberania de Deus com certeza. Descobrimos também que Eclesiastes sugere que a morte pode ser um contraponto

à qualidade de vida de uma pessoa, ou pelo qual a qualidade de vida pode ser medida.

Novamente, acrescentar é um pouco, não acho que Eclesiastes seja necessariamente um livro deprimente, cínico ou negativo, mas você descobre que algumas dessas reflexões tendem a adicionar um ar de negatividade ao livro de Eclesiastes. No capítulo 4, versículos 1-3, uma das reflexões que Kohelet faz ao observar a vida sob o sol é: novamente olhei e vi a opressão que estava acontecendo sob o sol. Vi as lágrimas dos oprimidos, e eles não têm consolador.

O poder estava do lado dos seus opressores e eles não tinham consolador. Num mundo desequilibrado, às vezes vemos grandes injustiças acontecendo. E penso em lugares como a Coreia do Norte ou em lugares do mundo de hoje onde a opressão e a corrupção são a norma.

E parece que uma geração após a outra, após a outra, vivencia isso. Eles nascem numa sociedade corrupta, morrem numa sociedade corrupta e sofrem muito. E parece que Deus não está presente.

Parece que às vezes Deus não está fazendo nada a respeito. Penso em alguns dos profetas, o profeta Habacuque, que disse: Injustiça, injustiça e violência, você não vê, Deus? E, eventualmente, Deus responde a Habacuque e diz: Trabalharei e trabalharei nos seus dias em que você não acreditaria, embora lhe tenha sido dito que trabalharei além da sua imaginação. Eu tenho um plano.

Mas Kohelet não teve necessariamente aquele tipo de conversa com Deus que vemos no profeta Habacuque. Kohelet simplesmente observa que parece que neste mundo celestial estão ocorrendo injustiças, e há grande sofrimento, e Deus não parece ser reconfortante. E isso, claro, causa algum aborrecimento a Kohelet.

E declaro que os mortos, que já morreram, são mais felizes do que os vivos, que ainda estão vivos. Isso me faz pensar em Jó no capítulo 3, onde Jó lamenta o dia de seu nascimento. Ele diz que teria sido melhor para mim ser uma criança natimorta do que sofrer desse jeito que estou sofrendo.

No versículo 3, Kohelet parece ecoar a mesma coisa, mas melhor do que ambos é aquele que ainda não existiu, que não viu o mal que é feito sob o sol. Por outras palavras, Kohelet parece estar a enquadrar as coisas de tal forma que diz que viver sem alguma forma de alegria, viver sem alguma forma de satisfação, não é maneira de viver. E assim, como um homem sábio, ele está procurando encontrar e descobrir maneiras pelas quais alguém possa extrapolar a alegria desta vida vivida em um mundo caído.

Mas certamente causa considerável angústia ao homem sábio ver que há vidas onde parece não haver alegria, mas apenas sofrimento. E assim, uma folha contra a qual a qualidade de vida é medida. Somando-se a isso, vemos que a inevitabilidade da morte é uma grande motivação, é um estímulo, por assim dizer, para o gozo da vida.

Agora exploraremos o prazer da vida na próxima palestra como um tema proeminente no livro de Eclesiastes. Sete vezes o refrão de aproveitar a vida é repetido ao longo do livro. Começa no início do livro, no capítulo 2, e se estende até o final do livro, no capítulo 11.

Definitivamente parece permear a conversa de Eclesiastes. E medida em relação à inevitabilidade da morte, descobre-se que a morte deve motivar a experiência presente. Em outras palavras, um homem sábio pegará o proverbial touro pelos chifres e viverá a vida ao máximo.

Ele procurará encontrar satisfação nas dádivas que Deus dá, no tipo de oportunidades que Deus apresenta até mesmo ao homem caído, até mesmo à humanidade caída num mundo fortemente caído. E assim, em qualquer caso, encontramos várias referências à inevitabilidade da morte em conjunto com o gozo da vida. No capítulo 2 e versículo 24 lemos muitos desses textos que já lemos antes, mas novamente, apenas para destacar o ponto, não consigo ver nada melhor para um homem fazer do que comer e beber e encontrar satisfação em seu trabalho.

Vejo que isso também vem da mão de Deus, pois sem ele quem pode comer ou se divertir? Ao homem que lhe agrada, Deus dá sabedoria, conhecimento e felicidade, mas ao pecador ele desiste da tarefa de reunir e acumular riquezas para entregá-las a alguém que agrada a Deus, novamente sugerindo que depois dele haverá não há nada que ele possa levar consigo. E então, isso também é Hevel, uma perseguição ao vento. Ao longo dos refrões de aproveitar a vida, que cada um de nós investigará e refletirá na próxima palestra, descobrimos que a inevitabilidade da morte é pelo menos sugerida, se não explicitamente declarada.

Na verdade, provavelmente o melhor exemplo da inevitabilidade da morte como estímulo e motivador para uma atividade e experiência presente é encontrado no capítulo 9 e nos versículos 7-10. Vá, coma sua comida com alegria e beba seu vinho com o coração alegre, pois é agora que Deus favorece o que você faz. Esteja sempre vestido de branco e unte sempre a cabeça com óleo.

Em outras palavras, procure oportunidades de aproveitar a experiência atual de vida vivida. Aproveite a vida com sua esposa que você ama, todos os dias dessa vida feliz que Deus lhe deu debaixo do sol, todos os seus dias felizes, pois esta é a sua sorte. Eu sugeriria que esta palavra, Helek, fosse traduzida como distribuição.

Eu considero isso de uma forma muito positiva e exploraremos isso na próxima palestra. Pois esta é a sua parte na vida e no seu trabalho árduo, não necessariamente uma coisa negativa, mas é o seu amal, trabalho em um mundo Hevel sob o sol. O que quer que sua mão encontre para fazer, faça-o com todas as suas forças.

Pois no túmulo, Sheol, para onde você está indo, e não duvide que é para lá que você está indo, você está nessa trajetória, não há trabalho, nem planejamento, nem conhecimento, nem sabedoria. E assim, mais uma vez, descobrimos que Kohelet incita o homem sábio a agir com base na expectativa de que o amanhã não está garantido, na expectativa de que, eventualmente, iremos para aquele lugar onde nenhuma destas atividades será praticada. E você vê esse tipo de motivação novamente no capítulo 11.

Seja feliz, jovem, enquanto você é jovem, versículo 9, e deixe seu coração lhe dar alegria nos dias de sua juventude. Siga os caminhos do seu coração e tudo o que seus olhos virem, mas saiba que por todas essas coisas Deus o levará a julgamento. Exploraremos o aspecto do julgamento aqui mais tarde, na palestra sobre o temor de Deus, e abordarei isso um pouco mais nesta palestra também.

Então, afaste a ansiedade do seu coração e livre-se dos problemas do seu corpo, pois a juventude e o vigor são Hebel, eles estão passando. Lembre-se do seu Criador nos dias da sua juventude, antes que cheguem os dias difíceis, e então você terá a alegoria que retrata o processo de envelhecimento. Recentemente, enquanto gravávamos isto, ocorreu a morte de uma figura muito proeminente, Muhammad Ali.

E durante aquele período em que sua vida era celebrada na mídia e na televisão, eu assistia a algumas de suas lutas de boxe mais antigas, da era de ouro do boxe pesado, nas décadas de 1960 e 1970. E você olha para o jovem e vibrante Muhammad Ali, e é simplesmente incrível, esse homem com tanta força e poder, que realmente, você sabe, se autodenominava o maior com certeza, mas, você sabe, no mundo do boxe, ele era . Quero dizer, ele era o auge da juventude e do vigor, quero dizer, ele imaginava tudo o que a humanidade poderia ter em um indivíduo saudável, jovem e vibrante.

E então, alguns anos depois, aos 40 e poucos anos, ele é diagnosticado com uma doença terrível, a doença de Parkinson, e então você começa a ver a espiral descendente. Ele morre aos 74 anos de idade, e você olha as fotos dele antes daqueles anos finais, e ele é uma sombra, uma mera sombra do que ele era antes. É um triste testemunho do peso da vida.

E a verdade é que não importa quem você seja, fisicamente, mentalmente e até espiritualmente, estamos todos neste reino físico sob a maldição, caminhando na mesma direção para o grande. E Kohelet pondera novamente sobre essas coisas. No

capítulo 12, você vê as imagens impressas no homem sábio a respeito do processo de envelhecimento, e a sugestão parece ser: aproveitar a vida enquanto pode e viver a vida com sobriedade e temor de Deus, porque a inevitabilidade da morte está muito presente. a vanguarda do pensamento de um homem sábio.

E isso deve levar ao gozo da vida, e deve levar à sobriedade na vida, à lembrança de Deus. Em outras palavras, encontraremos em uma palestra futura sobre o temor de Deus, muitas referências à reverência que é devida ao Deus soberano, mas também descobriremos que o temor de Deus é motivado por uma expectativa de alguma forma de julgamento futuro. No capítulo 12, por exemplo, o imperativo, lembre-se de seu criador nos dias de sua juventude, é uma motivação muito presente, mas se você olhar bem no final do livro e no final do capítulo, descobrirá que é uma expectativa de alguma forma de julgamento futuro que parece motivar Kohelet e um homem sábio à sobriedade na vida.

Versículo 13, agora que tudo foi ouvido, aqui está a conclusão do assunto. Tema a Deus e guarde os seus mandamentos, pois este é todo o homem, todo o dever do homem. Pois Deus trará a julgamento todas as ações, inclusive todas as coisas ocultas, sejam elas boas ou más.

Esta afirmação a respeito de tudo o que está oculto parece sugerir, ainda que velada e mesmo sem qualquer tipo de detalhe, alguma expectativa que nosso sábio Kohelet tem de um julgamento de vida após a morte. Em outras palavras, mesmo quando as coisas podem não ser necessariamente distribuídas adequadamente no tempo presente, há uma expectativa de que Deus retificará as coisas em um dia final de ajuste de contas no tempo futuro. Quando Deus trará a julgamento todas as ações, sejam elas boas ou más? Parece sugerir que, na inevitabilidade da morte, há também uma expectativa de alguma forma de julgamento futuro.

Aliás, isso parece ficar bem claro no capítulo 3 e versículo 17. Na última palestra, estava tratando do poema no tempo e o segmento que sugiro começa com o capítulo 3 e versículo 1 e termina com o capítulo 3 e versículo 17. Um tempo para tudo e um período para cada atividade debaixo do céu, no versículo 1, parece ser complementado em seu encerramento pela declaração: Deus trará a julgamento tanto os justos quanto os ímpios, e haverá um tempo para cada atividade e um tempo para cada ação.

Parece que em todas as coisas que Deus orchestra neste mundo, onde ele determina os tempos, onde ele realmente construiu tempos adequados, onde ele providenciou ocorrências cíclicas para os eventos ocorrerem, onde o homem pode implementar a sabedoria no tempo das coisas. e conhecer a adequação dos tempos. No entanto, às vezes parece haver uma falta de tempo de Deus para o julgamento nesta experiência atual. E, no entanto, Kohelet parece estar decidido à expectativa de que Deus um dia

consertará as coisas, corrigirá os erros e que haverá um tempo para o homem responder pelos atos que cometeu.

E assim, na vida após a morte, parece haver esta expectativa. É velado, com certeza, mas parece estar empurrando os limites da teologia da morte de Kohelet e da inevitabilidade da morte.